

Nadiá Paulo Ferreira
Marcus Alexandre Motta

Histeria: o caso Dora



Introdução

Em 1881, Sigmund Freud conclui o curso de medicina na Universidade de Viena mas continua trabalhando no laboratório de fisiologia dirigido pelo médico alemão Ernst Wilhelm von Brücke. Nesse laboratório, conhece o médico e fisiologista austríaco Josef Breuer, cujas pesquisas com hipnose teriam influência decisiva na criação da psicanálise. Formado, o jovem Freud decide pleitear uma bolsa de estudos em Paris para assistir aos cursos do neurologista francês Jean-Martin Charcot, que realizava experiências com histéricas. Com a ajuda de Brücke, obtém uma bolsa do Fundo do Jubileu Universitário e, em outubro de 1885, com 29 anos, chega à capital da França para estagiar no Hospital Salpêtrière, onde Charcot reina, com todo o esplendor, na cátedra de neuropatologia.

Um mês depois, já frequentando as aulas de Charcot todas as terças-feiras, Freud escreve uma carta à noiva, Martha Bernays, falando do impacto que suas teses sobre a histeria provocam nele: “Charcot, que é um dos maiores médicos, um gênio e um homem sério, abala profundamente minhas ideias e intenções. Depois de algumas conferências, saio como se fosse de Notre-Dame, com uma

nova percepção da perfeição. Se a semente algum dia vai dar frutos, não sei; o que sei com certeza é que nenhum outro ser humano jamais agiu sobre mim dessa forma.”

Com a morte do mestre em 1893, Freud redige um obituário em que destaca a sua contribuição para a mudança da postura médica diante dos histéricos. Ele afirma que a histeria, que era “a mais enigmática de todas as doenças nervosas, para cuja avaliação os médicos ainda não tinham encontrado nenhum enfoque válido, encontrava-se precisamente sob os efeitos do descrédito, que se estendia aos médicos dedicados ao seu estudo. A opinião geral era que qualquer coisa era possível na histeria e não se dava crédito às falas dessas enfermas. O trabalho de Charcot devolveu, inicialmente, dignidade ao tema e acabou com os risos irônicos com os quais se acolhiam as lamentações das pacientes. Por isso Charcot, com o peso de sua autoridade, colocou-se a favor da autenticidade e da objetividade dos fenômenos histéricos, que não poderiam mais ser tratados, conforme se fazia antes, como uma simulação”.

Menos de vinte anos após sua morte, o verbete sobre histeria da *Enciclopédia médica ilustrada Larousse* (1912) já revelava a influência de Charcot no diagnóstico da doença, que passa a ser classificada como psíquica e não mais orgânica. Diz o verbete: “Histeria (do gr. *hysteria*, matriz) Neurose: quer dizer doença nervosa sem lesão anatômica apreciável. Os antigos a consideravam exclusiva do sexo feminino, supondo-lhe um ponto de partida uterino e acreditando-a ligada às funções genitais. A histeria é, sabemos hoje em dia, quase tão frequente nos homens quanto nas

mulheres, não é o apanágio da meia-idade da vida e encontra-se por vezes nos velhos e nas crianças.”

As sementes plantadas por Charcot germinam frutos. Ao retornar a Viena, Freud está convencido de que a função dos sintomas histéricos é ocultar sua origem, que está ligada a uma experiência sexual traumática. O desconhecimento não só da causa, mas também da implicação do paciente com a produção de sintomas, leva-o a adotar em sua clínica o método catártico desenvolvido por Breuer, que usava a hipnose para fazer vir à tona lembranças apagadas da consciência de seus pacientes histéricos. Juntos, os dois escrevem e publicam, em 1895, *Estudos sobre a histeria*, no qual defendem que a origem dessa doença remete para experiências sexuais infantis traumáticas.

Em 1900, o sonho de uma paciente, que se tornou conhecido como “sonho da Bela Açougueira”, leva Freud à descoberta da identificação histérica e da natureza do desejo na histeria, que é a fabricação de um desejo insatisfeito. Essa paciente era uma bela mulher que, apaixonada pelo marido, um açougueiro atacadista, interpela Freud em uma sessão dizendo que havia tido um sonho que contradizia a premissa freudiana de que todos os sonhos são realizações de desejos. Ela relata que, no sonho, quer oferecer uma ceia, mas só tem em casa um pequeno salmão defumado. Primeiro pensa em sair para comprar algo, entretanto, como é domingo à tarde, as lojas estão fechadas. Depois tenta telefonar para alguns fornecedores, só que seu telefone está com defeito. Então desiste do desejo.

Freud faz duas interpretações que, longe de se contradizerem, se completam. Aliás, para ele, tais interpretações constituem “um exemplo do duplo sentido habitual dos sonhos e, em geral, de todos os demais produtos psicopatológicos”.

A primeira interpretação se baseia no fato de que, no dia anterior ao sonho, a mulher visitara uma amiga – que é bastante magra e adora salmão defumado – de quem tem ciúme, porque seu marido está sempre elogiando essa amiga, ainda que prefira mulheres mais “cheinhas”. No encontro, a amiga contara à mulher que desejava engravidar um pouco e lhe perguntara quando é que seria convidada para jantar, já que os jantares em sua casa eram sempre muito bons. Freud diz à paciente que o sonho é uma resposta à sugestão de sua amiga de ser convidada para jantar: “É como se diante da pergunta de sua amiga você tivesse pensado: ‘Qualquer dia eu te convido para que engordes, fartando-te de comer à minha custa, e agradece ainda mais o meu marido!’ Desse modo, quando, na noite seguinte, você não pode fazer uma refeição, você realiza o seu desejo de não colaborar para o arredondamento das formas de sua amiga.”

A segunda interpretação liga o sonho ao desejo da paciente de comer sanduíche de caviar todas as manhãs, o que havia feito com que pedisse ao marido que não lhe desse caviar, produzindo, dessa forma, um desejo insatisfeito.

Segundo Freud, no sonho, quem deseja jantar salmão defumado não é a paciente, e sim sua amiga. A Bela Açou-

gueira, por ter se identificado com a amiga, coloca-se em seu lugar. Comentando esse sonho no *Seminário 5*, Lacan afirma que a função do caviar é representar, em primeiro lugar, o desejo de outra coisa e, em segundo, a necessidade de que essa outra coisa não seja dada.

Em outubro de 1900, Freud é procurado pelo pai de uma jovem, Ida Bauer, com o objetivo de que a moça seja tratada por ele. Freud a atende e, imediatamente após a interrupção do tratamento, que se deu em 31 de dezembro daquele ano, redige o caso, publicado apenas em 1905. O estudo ganhou originalmente o título de “Sonhos e histeria”, substituído na publicação por “Fragmento da análise de um caso de histeria”. Em carta datada de 25 de janeiro de 1901 a seu melhor amigo na época, o otorrinolaringologista alemão Wilhelm Fliess, Freud escreve: “Terminei ontem ‘Sonhos e histeria’ ... É um fragmento da análise de um caso de histeria em que as complicações se agrupam em torno de dois sonhos; assim, na verdade, é uma continuação do livro do sonho.” Na publicação, o nome escolhido para ocultar a identidade da paciente é Dora.

A mudança do título do estudo em que relata o caso Dora, considerado o primeiro grande tratamento psicanalítico realizado por Freud, por já utilizar a interpretação do sonho e a associação livre como técnica, se deveu à interrupção brusca do tratamento por iniciativa da paciente. Freud argumenta: “Nessa ocasião, não tinham sequer sido abordados alguns dos enigmas do caso, e outros tinham sido esclarecidos de maneira incompleta, enquanto que se

o trabalho terapêutico tivesse prosseguido, certamente teríamos avançado em todos os pontos até o mais completo esclarecimento possível. Só posso oferecer aqui, portanto, o fragmento de uma análise.” Na Introdução à edição de 1925 dos *Estudos sobre a histeria*, Freud alerta que esse caso é exemplar para “mostrar como a interpretação dos sonhos se entrelaça na história do tratamento e como conseguimos, com sua ajuda, preencher as amnésias e conseguir a solução dos sintomas”.

A escolha do nome Dora, que vem do grego (*doron*) e significa “presente”, “dádiva”, não é casual. Dora revela a Freud o caráter homossexual do desejo insatisfeito. Essa homossexualidade é resultado de uma identificação com o homem, via pela qual a histérica se interroga sobre a feminilidade. Justamente por isso, em sua obra Lacan se refere à histérica como “mascarada”.

O vestígio dessa identificação histérica é dado por Dora quando ela conta a Freud que, durante um passeio na cidade de Dresden, na Alemanha, visita a famosa Pinacoteca dos Mestres Antigos e, ao olhar a *Madona Sistina*, quadro pintado por Rafael, deixa-se “ficar duas horas, sonhadamente perdida em silenciosa admiração”. Ante a pergunta de Freud sobre o que tanto lhe agradara nessa tela, ela simplesmente responde: “A Madona!” A pintura de Nossa Senhora capturara Dora sem que ela soubesse por quê. Para Freud, esse arrebatamento é da mesma ordem da admiração de Dora pela Sra. K., sua amiga e amante de seu pai: uma imagem envolvida por uma aura que vela os mistérios do feminino.